

# O VALOR DA CAPTURA

**Einar Alonso**

Colaborador voluntário – LEPAC, Março 2018

Muito provavelmente quando o homem começou a se fixar na terra como agricultor, começou a relacionar a quantidade de alimento, lenha, utensílios ou artefatos de caça com a questão da sua sobrevivência e de sua família. E talvez isso explique essa tendência humana em relacionar quantidade com satisfação pessoal ou eficiência de métodos. Seria longa nossa abordagem se partirmos para a análise do chamado efeito “Dunning-Kruger” (acumuladores) ou a “Síndrome de Prader-Willi” (acúmulo de alimentos) - o que não é o objetivo no momento e nem competência. Quem sabe, Freud explicasse.

Relato aqui três experiências pessoais que demonstram que nem sempre a quantidade está diretamente relacionada com o resultado positivo de metas a serem alcançadas. São algumas situações, na verdade, onde o inverso acontece. Vamos lá:

- 1) Em 1982 eu fazia parte do efetivo do Batalhão de Polícia Florestal em Belo Horizonte (BpFloBH). Na época, a principal missão do BpFloBH era a fiscalização para coibir a caça, pesca predatória e desmatamento. Porém, o Coronel Vicente de Paula Queiroz buscava implantar um programa de educação ambiental que, segundo ele, poderia baixar significativamente as infrações em todo o estado.



Mensalmente acontecia uma reunião com os comandantes de Grupos de Policiamento Florestal de todo o estado. E os veículos chegavam pouco a pouco com grandes quantidades de material apreendido por todo o estado. Havia entre tais comandantes uma “disputa” em apresentar a maior quantidade possível de tarrafas, redes de pesca, gaiolas, espingardas, cartuchos, etc. Relacionar tudo isso consumia horas de trabalho e uma grande quantidade de militares envolvidos. Pois bem, em uma dessas reuniões, o comandante do Grupo do município de Nepomuceno desembarcou apenas e tão-somente com uma pequena tarrafa apreendida em seu setor naquele mês. A coisa virou uma brincadeira com o restante do efetivo, pois, aquela “tarrafinha ridícula” não era quase nada se comparada com os caminhões abarrotados de material apreendidos e recolhidos de infratores em outros setores.

Durante a reunião de praxe, o Major Murilo pediu a palavra. Fez perguntas ao sargento comandante do Grupo de Nepomuceno e ficou esclarecido que toda a cota de combustível havia sido empenhada em patrulhas pelo setor e, no entanto, naquele mês havia sido encontrada apenas uma tarrafa como material de infração. Chegou-se à conclusão que o sargento não fora omissivo no policiamento ostensivo, e portanto, a consequência disso era que o número de infratores havia diminuído consideravelmente, como resultado das campanhas de conscientização e educação ambiental nas escolas, associações de bairros, colônia de pescadores, etc. E todos entenderam que não era meta do Comando a 'QUANTIDADE' de material apreendido e sim a 'QUALIDADE' do policiamento, que estava mais para o educativo do que para o repressivo. **Aqui então, menos foi mais.**

- 2) Algo parecido aconteceu durante minha experiência no Resgate de Fauna na Usina Hidrelétrica Teles Pires, no Rio Teles Pires, Amazônia Meridional. Surge novamente essa “tendência natural” de apresentar uma grande quantidade de animais resgatados da área de supressão vegetal, por parte de líderes de equipes de resgate. Eram rotineiras no final do expediente as reuniões espontâneas de biólogos e auxiliares apresentando números elevados de animais resgatados. Muitas dessas ocorrências poderiam ser evitadas se levássemos em conta o método de “**Soltura Branda**” que consistia na soltura imediata de animais em áreas de preservação próximas às áreas de supressão vegetal. Isso se o animal não apresentasse ferimentos ou qualquer outro sintoma físico que possa impossibilitá-lo a uma reintrodução imediata, como **lentidão** (*não se considerando, é óbvio, os mamíferos da Subordem Folívora, Ordem Pilosa, conhecidos popularmente por preguiça, bicho-preguiça, aí ou aígue*). Pois, qual a razão de colocá-lo dentro de uma caixa, sob forte estresse, e levá-lo para um centro de triagem? Para ser anestesiado, ficar um período em observação e encaminhamento para a área de soltura?

Enquanto as fichas de captura de anuros e das lagartixas *Gonatodes* (gênero de répteis escamados, da Família Sphaerodactylidae) crescia assustadoramente, o recinto do CETAS era transformado num verdadeiro Pet Shop ou um mini zoológico particular dos “acumuladores” de animais capturados. Foi necessária a intervenção do Coordenador Geral de Resgate para lembrar às equipes que um resgate eficiente não é QUANTITATIVO e que um Centro de Triagem de Animais Silvestres não é um zoológico particular. A boa qualidade de um resgate de fauna requer profissionalismo, equipes bem treinadas e o encaminhamento rápido de animais ao seu habitat natural. É lá a

“casa” deles e não trancafiados dentro de um recinto fechado sob altas condições de estresse.

- 3) Atualmente, estou envolvido com pesquisas e projetos de meliponicultura com o LEPAC em Paraty. Além do trabalho com abelhas nativas, estou aprendendo muito sobre o controle de mosquitos com um dos maiores especialistas no assunto, o Dr. Carlos Fernando S. Andrade. Estamos empenhados em



monitoramento e controle de larvas de mosquitos em três pontos distintos da cidade, e o principal objeto de preocupação é com os vetores da Dengue, Zika, Chikungunya e quem sabe Febra Amarela (o *Aedes aegypti* e o *Aedes albopictus*). Nesses locais, colocamos armadilhas feitas de pneus de carro ou moto (FOTO), com água e uma infusão atrativa, para verificação semanal da ocorrência de larvas. Pois bem. Tais armadilhas têm como objetivo verificar a eficiência do maior, mais eficiente, o

primeiro e o principal método de controle: Eliminação de Criadouros! Repetindo, para ficar bem estampado: ELIMINAÇÃO DE CRIADOUROS.

Então, o trabalho mesmo é procurar e eliminar criadouros. Quando não se pode eliminar o criadouro, como no caso das bromélias, fazemos a aplicação do **Vectobac 12AS**, produto à base da bactéria *Bacillus thuringiensis israelensis* (Bti) que é um controlador biológico específico contra as larvas dos mosquitos e borrachudos. Bem, quando tais armadilhas não apresentam a presença de larvas, estão cumprindo o seu papel de INDICADORAS de que a eliminação de criadouros e os tratamentos com Vectobac 12AS estão alcançando o objetivo final. Nesse trabalho pretendemos atingir o SER HUMANO, como dá ênfase o Prof. Dr. Fernando. Esse sim é o eliminador efetivo dos mosquitos, eliminando os criadouros que por descuido estão à disposição para os *Aedes* se reproduzirem satisfatoriamente, e conseqüentemente oferecendo riscos à saúde pública, como já é do conhecimento de todos.

Enquanto eu estava às voltas com visitas e aplicações nos pontos, o Prof. Fernando viajou e trouxe novidades interessantes quanto ao combate de mosquitos vetores de doenças. Entre elas, a “Flying Insect Trap” (**FIT**) uma armadilha que está sendo empregada na captura de mosquitos em grandes centros. E fui assistir ao vídeo do representante da empresa no Brasil. Mostra a colocação de uma dessas armadilhas **FIT** numa pousada ou hotel (?) e depois de uma semana a abertura da mesma. A quantidade de mosquitos mortos foi assustadora (FOTO). Algo parecido com meio quilo de pó de café sobre uma folha de papel sulfite. Mas, sob o ponto de vista técnico, essa enorme captura indica (além da eficiência da armadilha, é claro) que a área está absurdamente infestada por mosquitos. Ou seja, ridiculamente cheia de criadouros que não se consegue (?), ou não se pode (?) eliminar e são muito favoráveis para reprodução dos mosquitos. De muitos mosquitos! Que mosquitos são esses?



Sim, é indiscutível a eficiência da armadilha **FIT** (que batizamos carinhosamente de **R1**, uma alusão ao **R2**, o famoso robô de Jornada nas Estrelas). Ela funciona com uma lâmpada de UV, produz um pouco de calor e tem uma placa de Dióxido de Titânio que eletrizada-aquecida (?) emite CO<sub>2</sub>, também atrativo para as fêmeas de mosquitos.

Continuaremos adotando os pneus-armadilha para monitorar a ocorrência de larvas de *Aedes*, e pretendemos também adotar a **FIP**, porém, nosso objetivo é fazer um trabalho no qual essas armadilhas colem muito pouco ou ZERO mosquitos. E é isso o que vai permitir afirmar que estamos eliminando e tratando os criadouros na área.

Então, aqui também é inversamente proporcional. Será uma BAIXA CAPTURA (ou nenhuma) de mosquitos mortos na armadilha que vai determinar a eficiência humana no combate aos *Aedes*. Quanto menos tivermos, será mais e melhor!

#### Dicas adicionais:

Fotos da Flying Insect Trap >> <http://www.mosquitron.com.br/flying/>

Vídeo da Flying Insect Trap >> <http://www.mosquitron.com.br/demonstracao-flying-insect-trap/>